

Globethics Repository



Brasil não possui um modelo de desenvolvimento [Brazil does not have a development model]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy
of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Carneiro,Ricardo
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-10-30 20:32:07
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/162523

Brasil não possui um modelo de desenvolvimento

Entrevista com Ricardo Carneiro

O Instituto de Economia da Unicamp publicou semana passada estudos que fazem parte da sétima edição do boletim eletrônico Política Econômica em Foco, produzido por pesquisadores do Centro de Estudos de Conjuntura e Política Econômica (Cecon). Trata-se de uma abrangente análise da política econômica do governo Lula.

O economista e professor da Unicamp, Ricardo Carneiro, aceitou conversar por telefone com a *IHU On-Line* sobre o documento. Na entrevista, Carneiro mostra que o governo Lula não tornou sustentável suas medidas e que não houve um modelo de crescimento. Carneiro concedeu entrevista à 125ª edição da *IHU On-Line* com o título O governo ignora a retomada do debate desenvolvimentista.

***IHU On-Line* - O que é o sistema *Stop and Go* que alguns economistas usam para caracterizar o capitalismo?**

Ricardo Carneiro - Essa idéia do *Stop and Go* pode ser tomada a partir do seguinte sentindo: temos um processo, em geral de baixo crescimento, e além desse crescimento ser baixo ele é muito volátil. Isso tanto quando olhamos o produto quanto à taxa de investimento - a principal variável de crescimento. Então a caracterização empírica do *Stop and Go* é isso, baixo crescimento do produto e do investimento com alta volatilidade. Isso é uma demonstração de que não temos um modelo de crescimento implantado nesta economia, que se move em função do cenário internacional, mais ou menos favorável, quanto de manejo da política macroeconômica de juros e câmbio. No fundo, são por essas razões que temos o *Stop and Go*.

***IHU On-Line* - Quais foram as conclusões mais importantes das análises realizadas sobre os três primeiros anos do governo Lula?**

Ricardo Carneiro - Eu destacaria

algumas conclusões: a **primeira** acabamos de abordar na primeira questão: não transitamos no governo Lula, digamos assim, por um novo modelo de crescimento. Ele não existia e continua não existindo, portanto o processo ainda é de *Stop and Go*. A **segunda** conclusão é que tivemos alguns ganhos do ponto de vista de vários indicadores, vulnerabilidade externa, fragilidade fiscal, distribuição de renda, enfim, de fato esses ganhos existiram, mas como não foi implantando um novo modelo de crescimento esses ganhos não são sustentáveis, porque quem produziu esses ganhos foi a mudança de cenário internacional. Os ganhos houveram, mas não foram sustentáveis. Existem ganhos quanto à vulnerabilidade externa, situação fiscal e distribuição de renda. Na vulnerabilidade externa, nós achamos que houve ganhos quando olhamos para as exportações. Mas isso esteve muito associado à dinâmica do comércio internacional.

Do ponto de vista financeiro, nós discordamos muito das análises que dizem que temos menos

vulnerabilidade. Aachamos que temos mais, primeiro por uma razão mais ampla, o grau de abertura da economia brasileira está maior, temos uma série de modificações que ampliaram a abertura, unificação dos mercados de câmbio, transações mais diretas, permissão de investimentos estrangeiros. No entanto, temos também um aumento dos investimentos de curto prazo da economia brasileira, o que se chama de investimento de portfólio, o investimento de carteira, como bolsa de valores, e o dado mais importante disso, desse investimento de curto prazo, são os chamados mercados de derivativos, câmbio e juros. Então não acreditamos que tenhamos tido uma melhora sustentável.

Do ponto de vista da vulnerabilidade externa, a política cambial é central. Fazer um sistema de câmbio fixo eu não sei se dá, mas uma administração da taxa de câmbio tem que se fazer, sobretudo neste sentido de reduzir a volatilidade, manter o câmbio dentro de determinados padrões, e isso só se faz se puser areia na engrenagem, não deixa ter tanta entrada de capitais especulativos.

Questões fiscais

Na questão fiscal, existe, de fato, uma queda da dívida pública em relação ao PIB. Há uma redução da dívida indexada ao câmbio. Aparentemente temos um ganho, mas novamente digo, não foi sustentável. Houve um encurtamento do prazo de vencimento da dívida. Então qualquer mudança no cenário macroeconômico pode desestabilizar a economia. Se tudo ficar bem, a economia fica bem, se for ao contrário... ou seja, temos que ter uma economia mais resistente.

Sobre o ajuste fiscal, porque se aumentou o superávit primário, pagou mais a dívida, mas isso foi feito com aumento de carga tributária, pelo lado da arrecadação e com cortes dos investimentos pelo lado dos gastos. Esse não é um padrão que seja bom para a

sustentação do crescimento. Amanhã se tiver que aumentar os juros como se vai proceder? Cortar mais investimentos? Cortar gastos que promovem a distribuição da renda? Quanto à distribuição de renda, aconteceram melhoras e ela aconteceu por algumas razões. Uma delas foi crescimento do emprego. De fato, a economia industrial cresceu muito baseada nas exportações, e isso aumentou o emprego, que respondeu muito ao crescimento da produção. Isso, porém, não é suficiente, pois o mercado de trabalho do Brasil está muito deteriorado, para aumentar os rendimentos. Os ganhos de rendimento aconteceram muito em função da valorização da taxa de câmbio, que é uma razão que faz, num segundo momento, o emprego crescer menos. Então temos uma contradição entre o crescimento do emprego e o ganho de salário real. Uma outra parte da questão da distribuição da renda são as políticas sociais: ou a economia volta a crescer mais forte ou não vamos dar conta deste problema, porque aí começamos a ver os conservadores falando que os gastos correntes estão muito elevados, etc. Se a economia crescer 5%, o peso disso diminui no orçamento, ou seja, nos quatro pontos importantes apresentados: crescimento sustentado, vulnerabilidade externa, questão fiscal e distribuição da renda, nós achamos que houve um certo ganho, mas que ele não se deve a mudanças profundas e são reversíveis.

IHU On-Line: - Mas como podemos tornar esse quadro sustentável?

Ricardo Carneiro - Essa é uma boa pergunta, depois que a porta está arrombada o que podemos fazer? Eu acho que o Brasil não se pode dar o luxo de ter uma taxa de câmbio tão apreciada e nem ter tanta volatilidade, flutuação na taxa de câmbio, pois isso é uma péssima sinalização para as exportações, para investimentos estrangeiros. E a outra questão é a excessiva abertura financeira que temos na economia brasileira.

Temos que arranjar um método de pôr areia na engrenagem pra evitar essa absorção excessiva de capitais especulativos. Temos que mudar a política.

IHU On-Line - E quais seriam os pontos cruciais para serem revistos na economia brasileira?

Ricardo Carneiro - Eu diria que são duas coisas: juros e câmbio. Os dois são irmãos siameses.

IHU On-Line - Em que medidas os movimentos sociais podem mudar este estado da economia?

Ricardo Carneiro - É a única aposta que temos, que os movimentos sociais e alguns partidos façam essas mudanças. Ao mesmo tempo, contudo, o PT foi ao poder e não fez a mudança. Numa conjuntura que poderia ter facilitado com um prestígio muito grande do Presidente Lula, com o apoio da população e do ponto de vista econômico com uma situação internacional muito favorável. Talvez reste aos movimentos sociais resistir, mas eu não sou muito otimista nestas questões.

IHU On-Line - Dos possíveis candidatos que se anunciaram para a Presidência da República, o senhor visualiza alguma mudança?

Ricardo Carneiro - Não, não vejo. Acho que a eleição está claramente polarizada entre o Lula e o Alckmin. O Alckmin é um candidato de perfil ainda mais regressivo, provavelmente vai querer modificações no sentido de abrir mais a economia, de privatizar etc. O Lula não fará isso, mas também não avançará em outras direções. Não fico satisfeito com nenhum dos dois.

IHU On-Line - O senhor poderia comentar as críticas feitas pelo seu colega José Braga sobre o relatório publicado?

Ricardo Carneiro - Eu não gostaria de discutir esse assunto. Não é algo que tenha uma diferença significativa, tem tanta gente para polemizar fora da Unicamp, o pessoal da direita, os banqueiros... As divergências aqui são muito menores que fora.